

NISO E EURÍALO: DE VIRGÍLIO A EUGÉNIO DE TOLEDO

Paulo Farmhouse Alberto

Como elemento basilar da experiência humana, conforme e oriundo da própria *natura*, para nos posicionarmos numa perspectiva estóica¹, a amizade é motivo omnipresente no mundo de criação poética. Desde *topos* recorrente em determinados géneros poéticos² a tema do próprio acto enunciativo, o campo de aplicação e reelaboração do tópico da amizade, tratado segundo as perspectivas mais díspares e com as mais diversas funcionalidades, é verdadeiramente inesgotável.

Dos momentos literários mais aliciantes, pela carga de *pathos* que geralmente encerram, exercem especial fascínio aqueles em que a amizade é tratada em termos de fiel relação entre dois jovens. Por vezes, certas dessas relações de amizade cristalizam-se, ganham rosto, tornam-se paradigma. Aquiles e Pátroclo, Orestes e Pílates, Teseu e Pirítoo, por exemplo, passaram a fazer parte do repertório de motivos da cultura clássica, como símbolos da fidelidade e amizade que une dois amigos. Ora, é sobre um desses paradigmas e a forma como foi utilizado no seio da tradição literária na Antiguidade que me proponho registar algumas breves notas. Trata-se de Niso e Euríalo, uma fascinante criação de Virgílio.

¹ Cícero, *amic.* 5, 19-20; 8, 27; 9, 29; 9, 32; *fin.* 3, 21, 70-71. Séneca, *epist.* 3 e 9.

² Como no *prosphonetikon* (onde é "elemento primário"), o *propemptikon*, o *epibaterion*, o epicédio ou a *renuntiatio amoris*. Cf. FRANCIS CAIRNS, *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*, Edinburgh, 1972. Sobre a utilização do tópico em geral, veja-se p. 99; especificamente no *prosphonetikon*, p. 21; no *propemptikon*, pp. 57 e 123-124.

Niso e Euríalo protagonizam o episódio mais marcante do livro 9 e um dos mais deslumbrantes e inesquecíveis da *Eneida*³. São dois jovens guerreiros troianos, sentinelas do acampamento de Eneias e amigos inseparáveis. Niso é mais velho, e valorosíssimo guerreiro⁴; Euríalo é ainda *puer* (a barba não passava de penugem) e o mais belo de entre todos os jovens troianos⁵.

A primeira intervenção destas duas personagens ocorre no livro 5, durante os jogos fúnebres em honra de Anquises (que têm como modelo os jogos do livro 23 da *Ilíada* e do livro 8 da *Odisseia*). Neste episódio, desde logo lhes é adscrita uma importante caracterização psicológica⁶; o passo é neste aspecto elucidativo: Niso e Euríalo participam numa prova de corrida; quando Niso vai à frente, deixa-se cair (reminiscência do incidente com Ájax na *Il.* 23, 773 sq.); com isso, rasteira Sálío, que o seguia, e dessa forma Euríalo, que ia em terceira posição, sagra-se vencedor⁷. De certo modo, diversos aspectos que se observam no livro 9 já estão aqui presentes: o valor atlético; a amizade estreita que os une; a atitude protectora e paternalista de Niso; a beleza deslumbrante de Euríalo; a imaturidade deste (com medo de não receber o prémio, começa a chorar, *Aen.* 5, 343-344).

Mas foi o episódio do livro 9 que os celebrizou. O enredo é simples e profundamente trágico. Uma noite, decidem executar uma missão (reminiscência da *Doloneia* do livro 10 da *Ilíada* protagonizada por Diomedes e

³ *Aen.* 9, 176-449. Sobre Niso e Euríalo, veja-se BROOKS OTIS, *Virgil: a Study in Civilized Poetry*, Oxford, 1963, 348 sq., 388 sq.; G. E. DUCKWORTH, "The Significance of Nisus and Euryalus for *Aeneid* ix-xii, *AJPh* 88, 1967, 129-50; KENNETH QUINN, *Virgil's Aeneid. A Critical Description*. London, 1968, pp. 201 sq.; P. G. LENNOX, "Virgil's Night-Episode Re-examined (*Aeneid* ix, 176-449), *Hermes*, 105, 1977, 331-342; R.O.A.M. LYNE, *Further Voices in Vergil's Aeneid*, Oxford, 1992, 228-230, 234-236. Sobre a formação dos nomes, veja-se H. MØRLAND, "Nisus, Euryalus und andere Namen in der *Aeneis*", *Symbolae Osloensis*, 33, 1957, 87-109. Para a influência do *Reso* de Eurípides sobre o episódio virgiliano, veja-se B. C. FENIK, *The Influence of Euripides on Vergil's Aeneid*. Princeton Ann Arbor (diss.) 1960; BARBARA PAVLOCK, "Epic and Tragedy in Vergil's Nisus and Euryalus Episode", *TAPhA* 115, 1985, 207-224.

⁴ *acerrimus armis* (*Aen.* 9, 176); *iaculo celerem leuibusque sagittis* (178). Além disso, Niso é de enorme condição física (*uentis et fulminis octor alis*, 5, 319).

⁵ Euríalo é apresentado como um jovem de extraordinária beleza: *forma insignis uidirique iuuenta* (5, 295); *pulchro in corpore* (344); *quo pulchrior alter | non fuit Aeneadum Troiana neque induit arma, | ora puer prima signans intonsa iuuenta* (*Aen.* 9, 179-181); *pulchros per artus* (433).

⁶ *Aen.* 5, 286-361. O episódio da corrida corresponde a *Il.* 23, 740-797.

⁷ Estácio reelabora este motivo, *Theb.* 6, 614 ff.; cf. Sílío Itálico, 16, 517 sq.

Ulisses): procurar Eneias que está ausente do acampamento para o trazer de volta para o combate; de facto, o acampamento estava cercado pelo inimigo e a batalha prestes a começar. Após obtenção do consentimento dos chefes troianos, partem para a expedição nocturna; mas, em vez de se limitarem a cumprir a missão, entregam-se a uma *aristeia* de proporções desmesuradas, massacrando os pobres Rútulos adormecidos. Como se não bastasse, Euríalo, com uma inconsciência verdadeiramente infantil, enverga despojos dos Rútulos vencidos, entre os quais o capacete de Messapo, cujo brilho contribui para os denunciar a uma patrulha comandada por Mezêncio. Na fuga, Euríalo perde-se e é morto – passo que suscitou a Virgílio alguns dos mais belos versos da *Eneida* ("tal como quando uma flor purpúrea, cortada pelo arado, elanguesce ao morrer; ou como as papoilas, com o colo cansado, vergam a cabeça, quando são carregadas pela chuva ocasional") –; Niso, ao ver o destino do amigo, lança-se, cego de desespero, contra o inimigo e morre sobre o corpo de Euríalo. Um *Liebestod*, como a denominou Otis⁸.

Este é o traço mais saliente da relação existente entre estas duas personagens. A amizade que os une é caracterizada em termos de uma relação homoerótica⁹: testemunho disso, para citar um exemplo, é o próprio símile da papoila que, embora seja uma reminiscência de *Ilíada* (8, 306-308), evoca Catulo (que por sua vez tem como modelo Safo), onde o contexto de utilização do *topos* é epitalâmico¹⁰. Isto traz naturalmente à memória a fala de Fedro no *Banquete* de Platão (embora, em Virgílio, a paixão amorosa seja motivada num plano intrinsecamente literário, reforçando ao mais alto grau a carga emocional do episódio):

Se houvesse processo de constituir um Estado ou um exército só de amantes e de amados, que organização melhor poderia encontrar-se?

⁸ OTIS, 350; cf. W. R. JOHNSON, *Darkness Visible. A Study of Vergil's Aeneid*, California, 1979, 59-66; LYNE, 228-230.

⁹ LYNE, 228-230; OTIS, 350; FRANCIS CAIRNS, *Virgil's Augustan Epic*, Cambridge, 1989, 228-229, 242; J. GRIFFIN, *Vergil*, Oxford, 1986, 93-94. Lembre-se *Aen.* 5, 296 (*Nisus amore pio pueri*); 5, 334 (*non tamen Euryali, non ille oblitus amorum*); 9, 182 (*his amor unus erat*). Este aspecto já tinha sido assinalado por Sérvio (*Aen.* 5, 334: "OBLITUS AMORUM amare nec supra dictis congrue: ait enim AMORE PIO PUERI: nunc 'amorum', qui pluraliter non nisi turpitudinem significant").

¹⁰ Cat. 11, 22-25 e 62, 39-41; Safo, 105c LP. Cf. LYNE, *ibidem*. A própria exclamação *fortunati ambo*, com que o poeta encerra o episódio, evoca um enquadramento elegíaco: ele sugere a união dos amantes na morte: cf. LYNE, 234-236; cf. Prop. 2, 20, 18 (veja-se TH. PAPANGHELIS, *Propertius: a hellenistic poet on love and death*, Cambridge, 1987, 136 sq.); Tib. 1, 1, 58.

Homens como estes, afeitos a repudiarem toda a espécie de vileza, a emularem entre si a honra e a exercitarem-se em pelejas uns com os outros, mesmo em pequeno número, seriam, por assim dizer, capazes de vencer o mundo inteiro! E a razão é que o amante aceitaria mais facilmente desertar das fileiras ou largar as armas à vista de qualquer pessoa do que do seu amado: na presença deste, preferiria mil vezes morrer! Quanto a deixar para trás o seu amado e não o socorrer em caso de perigo ... não há homem nenhum tão fraco a quem o próprio Amor não inspire actos de bravura e não torne igual aos bravos por Natureza¹¹."

O comportamento deles não é irrepreensível, nem exemplar. A própria motivação inicial, aparentemente honrosa, está inquinada por sentimentos menos dignos. Niso, ao propor a aventura a Euríalo, reconhece o "cruel desejo" de combater (*aut pugnam aut aliquid iamdudum inuadere magnum | mens agitat mihi*, 9, 186-187), reafirmando-o mais tarde ao expor o seu plano aos chefes troianos¹². Algumas analogias com o tratamento conferido a Turno, o poderoso inimigo dos Troianos, são sintomáticas desta perspectiva negativa que se vislumbra nas figuras de Niso e Euríalo¹³. Por exemplo, a *dira cupido* que Niso sente para se lançar na aventura remete para o *furor caedisque insana cupido* de Turno (9, 760); o símile do leão (que tem como arquétipo o *simile* homérico referente a Diomedes, na *Doloneia*, Il. 10, 485-486) é comum a Niso e a Turno¹⁴. Mas, apesar de tudo, não é possível deixar de sentir uma simpatia por este par de amigos. A própria mestria literária de Virgílio nos força a isso, ao fazer ver ao leitor a morte de Euríalo do lado de Niso, comunicando-lhe o seu sentir e reacções¹⁵. Como Otis sintetizou, "o episódio de Niso e Euríalo mostra a tragédia de dois jovens que possuem *uirtus* do mais alto grau, mas são dominados na prova suprema pela violência excessiva e irracional de um e pelo *eros* desesperado do outro"¹⁶.

O episódio de Niso e Euríalo tem-se prestado às mais diversas análises. Não é todavia uma reflexão sobre estes passos da *Eneida* que é o cerne

¹¹ Platão, *Smp.* 178e-179b (trad. M. T. SCHIAPPA DE AZEVEDO, Lisboa, 1991).

¹² *Aen.* 9, 240-3: "si fortuna permittitis uti | quaesitum Aenean et moenia Pallantea, | mox hic cum spoliis ingenti caede peracta | adfore cernetis". Sobre a questão da *dira cupido*, veja-se OTIS, 349-350; DUCKWORTH, 131 sq.

¹³ Veja-se DUCKWORTH, 147-148.

¹⁴ Cf. STEVEN H. LONSDALE, *Creatures of Speech. Lion, Herding and Hunting Similes in the Iliad*, Stuttgart, 1990.

¹⁵ OTIS, 388 e 349; LYNE, 229.

¹⁶ OTIS, 349.

destas breves observações. A minha intenção é antes lançar um olhar sobre o *Nachleben* desta criação virgiliana ao longo da tradição literária da Antiguidade. Para isso, seleccionarei alguns exemplos mais ilustrativos e diversificados.

Pensar em Niso e Euríalo em termos de *Nachleben* é natural. Já na *Eneida*, ao terminar o episódio do livro 9¹⁷, o poeta exclamava (*Aen.* 9, 446-449):

Afortunado par! Se os meus cantos valem de alguma coisa, jamais dia algum vos subtrairá à lembrança do tempo, enquanto a casa de Eneias habitar o rochedo inamovível do Capitólio, e o pai Romano detiver o poder¹⁸.

Uma afirmação profética. Niso e Euríalo tornaram-se personagens imortais. É certo que, na medida em que a *Eneida* passou a constituir "cartilha" escolar e supremo modelo literário, a "imortalidade" estava assegurada; mas trata-se de mais do que isso: o par de amigos libertou-se do texto em que nasceu, ganhando estatuto de tópico literário, e passou a fazer parte dos catálogos da Antiguidade¹⁹.

O primeiro exemplo que referirei concerne à utilização de Niso e Euríalo como paradigma num contexto literário épico. Ele ocorre num dos poemas mais marcantes da literatura do período dos Flávios: a *Tebaida* de Estácio, publicada por volta dos anos 90-91. Trata-se de um grandioso estudo psicológico, na linha de Lucano e das tragédias de Séneca, bem distante do clima nacionalista de um poema como a *Eneida*²⁰. Aliás, o

¹⁷ Alguns autores consideram que a cena da mãe de Euríalo a receber a notícia da morte do filho (que impressionou igualmente muitos autores, como Macróbio, *Sat.* 4,1 e Agostinho, *ord.* 2, 12, 37) também faz parte do episódio: cf. OTIS, 345; *contra* QUINN, 198-199; DUCKWORTH, 137-138.

¹⁸ *Aen.* 9, 446-449: "Fortunati ambo! si quid mea carmina possunt, | nulla dies umquam memori uos eximet aevo, | dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum | accolet imperiumque pater Romanus habebit". Sobre este passo, veja-se LYNE, 234 sq.

¹⁹ Por exemplo, nas *Fabulae* de Higino, um manual de mitologia compilado a partir de fontes gregas, provavelmente no séc. II A.D., mais tarde abreviado e acrescentado. Duas referências são feitas: uma, num capítulo intitulado *Qui inter se amicitia iunctissimi fuerunt* (ed. ROSE, 257, 13), juntamente com outros pares famosos, como Orestes e Pílades, Aquiles e Pátroclo; a referência é lacónica e algo dissonante das restantes: *Nisus cum Euryalo suo, pro quo et mortuus est*; numa segunda vez, relacionados com o episódio da prova de atletismo (ed. ROSE, 279, 16).

²⁰ D. W. T. VESSEY, *Statius and the Thebaid*, Cambridge, 1973; IDEM, 'Flavian Epic', in *Cambridge History of Classical Literature*, ed. E. J. KENNEY and W. V. CLAUSEN, Cambridge, 1982, pp. 572-579; IDEM, "*Pierius menti calor incidit*: Statius' Epic

próprio poeta faz questão em enfatizar a distância em relação à obra magistral do período augustano nas palavras que dirige ao próprio livro, no final do poema (*Theb.* 12, 816-817): "vive, imploro-te; nem tentes provocar a divina *Eneida*, mas segue-a de longe e adora sempre as suas pegadas". As desventuras da casa de Cadmo, protagonizadas pelos filhos de Édipo (que se digladiam pelo poder sobre Tebas), fornecem matéria apropriada para esta reflexão de contornos estoicos sobre a paixão, a ambição, a tirania, o ódio, o cosmos e o destino.

No livro 10, Hopleu e Dimas, dois jovens companheiros de Polinices (que tenta, com o auxílio do sogro, subtrair o poder ao irmão) propõem-se levar a cabo uma expedição nocturna para recuperar o cadáver do valorosíssimo Tideu, a fim de lhe proporcionar um enterro condigno – motivo recorrente nas desventuras da casa de Tebas (lembre-se Antígona)²¹. No campo de batalha reconhecem o cadáver, levam-no, e quando já quase alcançavam as suas posições, são surpreendidos por uma patrulha comandada por Anfíon. Ao fugirem, Hopleu é trespassado pelas costas por Egipto; Dimas detém-se, cercado, e perante a proposta de Anfíon de o deixar prosseguir o seu caminho se lhe revelasse a estratégia militar, mata-se.

À partida, as semelhanças com o episódio de Niso e Euríalo não são muitas. Em ambos os textos se trata de uma expedição nocturna de um par de guerreiros, ambos terminam com uma promessa de imortalidade da parte do poeta, em ambos os jovens são surpreendidos e mortos; alguns outros elementos estruturais são comuns, como o símile do leão/leoa. Todavia, as diferenças são substantivas e muitos aspectos dissonantes podem ser apontados²². Na *Eneida* os jovens são descritos em termos físicos e psicológicos e a sua relação caracterizada, na *Tebaida*, não; a motivação de Hopleu e Dimas é piedosa (sagrada, diríamos), a de Niso e Euríalo, sendo à partida honrosa, torna-se profundamente negativa; em Estácio, os heróis não se entregam a nenhuma carnificina e é uma circunstância accidental que os denuncia – foram vistos porque o dia clareava, ou seja, em nada contribuíram para serem percebidos –; em

Style", in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Berlin-New York, 1986, 2965-3019; FREDERICK M. AHL, "Statius' Thebaid: A Reconsideration", *ib.*, 2803-2912. Sobre o episódio aqui comentado e a sua relação com o de Niso e Euríalo, veja-se B. KYTZLER, "Imitatio und aemulatio in der Thebais des Statius", *Hermes*, 97, 1969, 209-232; VESSEY, (1973) 116-117; IDEM, (1986) 2966-2967.

²¹ *Theb.* 10, 347-448.

²² Já no livro 6 da *Tebaida* tinham-se realizado uns jogos fúnebres (à semelhança do livro 5 da *Eneida*), mas Hopleu e Dimas nada têm a ver com eles.

Virgílio, os dois jovens entregam-se a um massacre de contornos quase sórdidos, na boa tradição das *aristeiai* da *Ilíada*, tresloucados pela sede de sangue; se foram vistos, foi devido a um inaceitável acto de imprudência de Euríalo, ao envergar o capacete de Messapo cujo brilho os denunciou a Mezêncio²³. Inclusivamente, as próprias mortes de Niso e Dimas têm valores de significação diferentes: Dimas morre pela pátria – suicida-se para não entregar segredos ao inimigo –; Niso morre por desespero de ver o amigo morto: trata-se de um *Liebestod*, não de um acto de coragem, e muito menos patriótico. O próprio tratamento do *simile* do leão (relativo a Niso) e da leoa (referente a Dimas) é sintomático das diferenças entre os dois pares de amigos. Vejamo-los mais em pormenor:

Tal como a leoa que, tendo dado à luz há pouco tempo, os caçadores Númidas encurralaram no seu covil selvagem, se ergue de pé à frente dos filhotes, de propósito incerto, rugindo algo de torvo e digno de dó, é capaz de destroçar contingentes e estraçalhar com uma dentada as armas; mas o amor à prole vence o ímpeto do cruel coração e rodeia vigiando, do meio da sua cólera, as crias, ... (*Theb.* 10, 414-419).

Tal como o leão faminto, atormentando redís repletos (na verdade, uma fome tresloucada a isso o persuade), abocanha e arrasta o tenro gado mudo de medo, e rugue, de mandíbulas ensanguentadas... (*Aen.* 9, 339-341)²⁴.

As diferenças de tratamento são evidentes. Hopleu é colocado numa postura defensiva; ele é capaz de tudo vencer, mas apenas se interessa por defender as crias (ou seja, o cadáver de Tideu). No caso de Niso, a situação é diferente. Ele é caracterizado como um agressor, que se precipita sobre presas indefesas (os Rútulos, na verdade, estavam "espalhados pelo chão" *somno uinoque* (316)); é como que um animal patologicamente cruel, não aquele que só mata por necessidade. É essa componente negativa adscrita a Niso, comunicada pela crueldade animalésca, pelo

²³ Muitos outros paralelos contrastantes podem ser referidos: na *Tebaida*, pede-se auxílio a Diana para que ilumine o campo de batalha por forma a poderem reconhecer o cadáver de Tideu; na *Eneida*, também se invoca Diana, mas para que esta lhes dê sorte no combate; em Estácio, o proponente da aventura é o primeiro a morrer; em Virgílio, é Euríalo que morre primeiro; Dimas pára e faz frente a Anfíon; Niso está escondido e apenas se denuncia num acto de desespero.

²⁴ *Theb.* 10, 414-419: "ut lea, quam saeuo fetam pressere cubili | uenantes Numidae, natos erecta superstat | mente sub incerta, toruum ac miserabile frendens; | illa quidem turbare globos et frangere morsu | tela queat, sed prolis amor crudelia uincit | pectora, et a media catulos circumspicit ira"; *Aen.* 9, 339-341: "impastus ceu plena leo per ouilia turbans | (suadet enim uesana fames) manditque trahitque | molle pecus mutumque metu, fremit ore cruento, | nec minor Euryali caedes".

clima de matança tresloucada, maior evidência ganha se verificarmos que as outras ocorrências do símile do leão no poema virgiliano se reportam sempre justamente à (aparente) *bête noire* da *Eneida*, Turno (três ocorrências, 9, 792; 10, 454; 12, 6), e a Mezêncio (*Aen.* 10, 723), quando este ganha o comando na segunda fase da batalha.

Mas, apesar do contraste evidente, a sombra de Niso e Euríalo subjaz no episódio de Hopleu e Dimas²⁵; é inclusivamente o próprio poeta que força o leitor a evocar o modelo virgiliano e a estabelecer o cotejo. Ao terminar a narração do episódio, o poeta exclama:

Também vós fostes consagrados, muito embora os meus cantos se ergam de uma lira inferior; vós conquistareis a lembrança dos anos: talvez Euríalo não desdenhe ter as vossas sombras como companheiras e a glória do frígio Niso vos aceite junto de si. (*Theb.* 10, 445 sq.)

Desta forma, pela alusão ao modelo virgiliano, Estácio provoca um segundo nível de entendimento, forçando o leitor a ter presente dois planos de significado numa textura múltipla. Por isto mesmo, e apesar de todas as diferenças, Hopleu e Dimas ganham uma dimensão literária superior.

Mas não é só como modelo na poesia épica que Niso e Euríalo se perpetuaram na cultura clássica. Poucos anos após a publicação da *Eneida* (que só ocorreu após a morte de Virgílio – 19 a.C. – por ordem de Augusto), já Niso e Euríalo eram exemplo da expressão máxima de amizade, sem as conotações bélicas e eróticas. Dois exemplos ilustrativos encontramos em Ovídio.

O primeiro ocorre num dos poemas do livro 1 dos *Tristia* (*trist.* 1, 5). Composto durante o inverno de 8-9, no início da sua *relegatio* em Tomos, nas margens do Mar Negro, na actual Roménia, o livro 1 dá largas ao estado de alma de um Ovídio mal feito da condenação, abatido e envelhecido (tinha já 50 anos quando foi mandado para o exílio por ordem de Augusto). Entre outras amarguras, Ovídio queixa-se do abandono dos amigos, tal como já Teógnis, uns quinhentos anos antes, dissera: "ninguém é amigo e fiel companheiro de um exilado; e isto é mais penoso que o próprio exílio"²⁶. No poema 5, endereçado presumivelmente a Celso (o nome não é revelado por razões de segurança²⁷), Niso e Euríalo são convocados no meio de *exempla* de amizade, de forma algo inovadora:

²⁵ É, de resto, o único passo em que há uma *aemulatio* explícita com a *Eneida* (cf. VESSEY, *ANRW*, 2966-7).

²⁶ Teógnis, 209-10 WEST; cf. também 332a-332b; 333-334 WEST.

²⁷ *Trist.* 1, 5, 7 (*positis pro nomine signis*).

Pirítoo nunca se teria apercebido da amizade de Teseu se, ainda em vida, não tivesse tomado o caminho das águas infernais. Foram as tuas Fúrias, lúgubre Orestes, que fizeram com que Foceu [*i.e.* Pílades] se tornasse exemplo de amor verdadeiro. Se Euríalo não se tivesse lançado sobre os inimigos Rútulos, glória alguma seria a de Niso Hirtácida. Pois é claro que, tal como o fulvo ouro é testado pelo fogo, do mesmo modo a fidelidade deve ser examinada em circunstâncias difíceis (*trist.* 1, 5, 19-26).

Ovídio comunica assim uma *nuance* algo diferente. O que é valorizado no episódio de Niso e Euríalo é o sentido de "provação", que serve de crivo e simultaneamente "dá têmpera" às relações de amizade. Deste modo, eliminam-se "amizades" que só existem em momentos felizes. Estas são, como Séneca designou, "as amizades que o povo denomina de temporárias"²⁸. É isto que o poeta exilado e abandonado vê, pois "enquanto a Fortuna ajuda e sorri de rosto sereno, tudo segue as nossas posses intactas; mas mal tropeja, fogem todos, e ninguém conhece aquele que há pouco estava rodeado de exércitos de companheiros" (*trist.* 1, 5, 27-30).

Niso e Euríalo voltam a aparecer no poema 9 do mesmo livro, endereçado a um amigo não identificado. Ovídio trata mais uma vez o tema da ingratidão e das "amizades temporárias" (*trist.* 1, 9, 7 sq.). Diz ele, "vês como as pombas vêm para as moradas resplandecentes, mas a torre pobre não recebe ave alguma; nunca as formigas se dirigem para os celeiros vazios; amigo algum irá para junto de alguém que perdeu as riquezas,...". De novo, são evocados os pares de amigos da herança cultural: Orestes e Pílades, Aquiles e Pátroclo, Teseu e Pirítoo, e Niso e Euríalo. O tratamento é, no entanto, algo diferente (*trist.* 1, 9, 33-34): "quando te contaram sobre a fidelidade de Euríalo e Niso, Turno, é de acreditar que as tuas faces se molharam de lágrimas". O sentido aqui é antes o da valorização da amizade em si: não é o valor guerreiro que suscita a comoção dos inimigos, mas a fidelidade até à morte²⁹.

Niso e Euríalo tornam-se assim, ao longo da cultura clássica, uma metáfora da expressão máxima da *amicitia*. Nesta evolução, as conotações eróticas ou bélicas são completamente esquecidas. Um dos exemplos mais ilustrativos que me ocorre citar é o de um epitáfio de uma avó e de uma neta. De difícil datação (séc. V-VI?), o pequeno epigrama funerário em

²⁸ Séneca, *epist.* 9, 9: "Hae sunt amicitiae quas temporarias populus appellat; qui utilitatis causa adsumptus est tamdiu placebit quamdiu utilis fuerit. Hac re florentes amicorum turba circumset, circa euersos solitudo est, et inde amici fugiunt ubi probantur".

²⁹ *Trist.* 1, 9, 35 (*est etiam miseris pietas, et in hoste probatur*).

dísticos elegíacos exemplifica bem a asserção atrás expressa (*CLE* 1848 = *CIL* 11, 4978):

Este local recebeu a avó e a neta após a morte, a uma e outra outrora a luz do dia fizera unidas. Voa também para os seres divinos, da alma uma graça símplice: um sepulcro dúplice associa agora os corpos. Satisfaz-se aos votos da segunda: assim, em fulgor verdadeiro, outrora jazeram juntos Niso e Euríalo³⁰.

E é como paradigma da amizade e tópico literário, destituído das conotações que possui na *Eneida*, que o par de amigos é utilizado na Antiguidade tardia. No séc. IV, Ausónio, um dos maiores poetas deste período a par de Prudêncio e Claudiano, evoca Niso e Euríalo (através do passo de Estácio) na sua correspondência com Paulino de Nola. Aliás, lembre-se que a própria relação de amizade entre Ausónio e o poeta devoto de S. Félix de Nola tem feito correr rios de tinta³¹. Cada um deles representa uma opção de vida diferente, perante o desmoronar das instituições imperiais no séc. IV; os próprios projectos poéticos divergem³²: Ausónio é um conservador, que acredita nas instituições e nos valores do glorioso passado romano e da cultura clássica; sendo cristão, não vê incompatibilidade com o convívio das letras clássicas, com todos os modelos literários e pressupostos estéticos que lhe são inerentes; o riquíssimo e aristocrático Paulino de Nola é o oposto: abandona as suas vastas propriedades, rejeita uma carreira imperial e os valores culturais do pas-

³⁰ *CLE* 1848: "Hic auiam neptemque locus post fata recepit, | quasque dies olim fecerat unanimes. | euolat ad superos mentis quoque gratia simplex, | sepulcrum duplex corpora nunc sociat. | alterius prestant uotis: sic lumine uero | tunc iacuere simul Nisus et Eurialus".

³¹ P. de LABRIOLLE, *Un épisode de la fin du paganisme: la correspondance d'Ausone et de Paulin de Nole*, Paris, 1910; P. FABRE, *Saint Paulin de Nole et l'amitié chrétienne*, Paris, 1949.

³² Para o projecto literário e de vida de Paulino de Nola, veja-se W. H. C. FRENCH, "The two worlds of Paulinus of Nola", *Latin Literature of the Fourth Century*, ed. J. W. Binns, London-Boston, 1974, 100-133; JACQUES FONTAINE, *Naissance de la poésie dans l'Occident chrétien*, Paris, 1981, 143-176; IDEM, "Valeurs antiques et valeurs chrétiennes dans la spiritualité des grands propriétaires chrétiens à la fin du iv^e siècle occidental", in *Études sur la poésie latine. D'Ausone a Prudence*, Paris, 1980, 241-266. Sobre o de Ausónio, veja-se NORA K. CHADWICK, *Poetry and letters in early christian Gaul*. London, 1955; J. FONTAINE, "Le mélange des genres dans la littérature latine du iv^e siècle: Ausone, Ambroise, Ammien", in *Entretiens sur l'Antiquité classique*, t. 23, 1977, 425-482; IDEM, "Société et culture chrétiennes sur l'aire circumpyrénéenne au siècle de Théodose", in *Études sur la poésie latine. D'Ausone a Prudence*, 267-308.

sado e dedica-se por inteiro à vida religiosa – um dos homens que contribuíram para a "queda do império", na perspectiva (que fez escola) do oitocentista Gibbon, hoje ultrapassada.

Em resposta a uma carta de Paulino, que é um texto fundamental para se entender a posição de certa componente da sociedade que achava incompatível servir a Cristo e cultivar as Musas³³, Ausónio compõe duas epístolas. Nelas medita sobre o tema da amizade. Na primeira, Ausónio opõe-se à intenção de Paulino dar por terminada a amizade, considerando tal propósito indigno; para tal, recorre aos paradigmas da cultura clássica, utilizando-os de forma a que, aos olhos dos leitores, a separação deles parecesse um verdadeiro paradoxo (*epist.* 23, 19 sq. GREEN)³⁴:

Sem coração, tu poderias separar Teseu de Pirítoo, e afastar o companheiro Euríalo do seu Niso; persuadindo tu à fuga, Pílates teria abandonado Orestes, ...

Na segunda epístola, o tom é mais patético (*epist.* 24, 32 sq. GREEN):

"Já se preparavam para inserir os nossos nomes entre os antigos amigos de uma época superior. Pílates cedia o seu lugar, também a glória do frígio Niso era já inferior..."³⁵

Todas as conotações que se encontram na *Eneida* estão ausentes, como seria de prever. O que ressalta em Ausónio é a utilização do par de amigos criado por Virgílio como paradigma máximo da amizade e mero tópico literário. Mas, suprema ironia, não seria por fragmentos da cultura clássica que Paulino se deixaria demover, pois, como dizia ao seu amigo Ausónio, "os corações consagrados a Cristo rejeitam as Camenas e não se abrem a Apolo"³⁶.

Um outro exemplo em contexto cultural bem distinto merece igualmente referência. Trata-se de uma carta de Enódio, o aristocrata bispo de Pavia, no séc. VI. Tido como um dos mais notáveis *scholars* da época,

³³ *Carm.* 10 HARTEL.

³⁴ Ver comentário de R.H.P. GREEN, *The Works of Ausonius*, Oxford, 1991, pp. 647 sq.

³⁵ *Epist.* 23, 19 sq. GREEN: "impie, Pirithoo disiungere Thesea posses | Euryalumque suo socium discernere Niso; | te suadente fugam Pylades liquisset Oresten"; *epist.* 24, 32 sq.: "iam nomina nostra parabant | inserere antiquis aeui melioris amicis. | cedebat Pylades, Phrygii quoque gloria Nisi".

³⁶ *Carm.* 10, 19-22 (Hartel); cf. alguns versos abaixo (110-116): "reuocandum me tibi credam, | cum steriles fundas non ad diuina precatus, | Castalidis supplex auerso numine Musis? | non his numinibus tibi me patriaeque reducis. | surda uocas et nulla rogas (leuis hoc feret aura quod datur in nihilum) sine numine nomina Musas".

Enódio é bem exemplo dos interesses enciclopedísticos e do cultivo da erudição do tempo de Teodorico, tal como se vislumbra num Arator ou um Boécio, ou nos interesses intelectuais dos círculos literários de Fausto ou de Símaco³⁷. Na *epist.* 1, 9, Enódio agradece a Olíbrio uma *dictio* que este lhe forneceu sobre Hércules e Anteu. Isto é pretexto para evocar os paradigmas da amizade:

Se nos é permitido chamar os exemplos dos antepassados para uma nova função, convém à graça ou à fé relembrar, de preferência, os de Pílades e Orestes, de Niso e Euríalo, de Pólux e Castor, se neles a torpeza de actos clandestinos nada colhe. A eles uma idêntica concórdia de espíritos uniu-os entre si, pois enquanto a dois deles aprouve uma morte procurada junto dos amigos, o terceiro ao amigo devolveu a vida à custa da própria morte (*epist.* 1, 9, 4)³⁸.

Cuidadosamente depurados de qualquer comportamento amoroso menos aceite (algumas linhas acima o autor da carta e Olíbrio são considerados *matris ecclesiae ope sociati*), Niso e Euríalo são aduzidos para ilustrar a amizade perfeita. Um tema erudito proposto para desenvolvimento escolar suscita a Enódio este hiperbólico e entusiástico reconhecimento.

Mas exemplo de maior interesse nesta cadência de aproveitamento de um motivo que seria longo continuar encontramos-lo em poema de Eugénio, bispo de Toledo do tempo de Chindasvinto e Recesvinto, num dos períodos mais conturbados do séc. VII hispânico. Epígono da tradição poética tardia, e herdeiro de um ambiente literário onde pontificam entre outros Ausónio, Prudêncio, Juvenco, Sedúlio, Dracôncio, Venâncio Fortunato, Eugénio de Toledo deixou uma obra poética de grande interesse, exemplar das convenções literárias e estéticas da época e sintomática da cultura e espiritualidade visigóticas³⁹. Temas como o da condição humana, vista nos

³⁷ PIERRE RICHÉ, *Éducation et Culture dans L'Occident Barbare. VI^e-VIII^e siècles*, Paris, 1962, pp. 62-64, 81 sq.; J. FONTAINE, *Ennodius in Reallexicon für Antike und Christentum*, t. 5, fasc. 35, 1960, c. 398-421.

³⁸ MGH, AA 7, ed. F. VOGEL, Berlin, 1885, p. 18: "Nobis, si placet in nouellum usum maiorum exempla reuocare, potius Pyladis et Orestis, Nisi et Euryali, Pollucis et Castoris, si nihil his clandestinorum actuum decerpit obscenitas, conuenit gratiae meminisse uel fidei. quos inter se ita concurs animorum deuinxit aequalitas, ut horum, dum duos expetitus cum amicis iuuaret interitus, alter amico uitam pretio suae mortis adferret".

³⁹ Falta ainda um estudo de conjunto sobre a dimensão poética de Eugénio, trabalho que nos propomos levar a cabo. No entanto, veja-se U. PÉREZ DE URBEL, "San Eugenio de

termos mais pessimistas, da velhice, da morte, da doença, como sinais da degenerescência do ser humano nas suas vertentes mais degradantes e considerados, por vezes, num plano metafísico, são a sua nota mais original; a par disto sobressaem às suas inquietações parenéticas e espirituais que o levam ao apelo à contrição e compunção, a constantes pedidos de perdão divino.

Na segunda parte do seu *libellus*, surge uma curiosa composição intitulada *De iurgio quod accidit* (*carm.* 35)⁴⁰. Trata-se de um curto poema em dísticos elegíacos, em que Eugénio se penitencia pelo afastamento de um amigo devido a uma discussão accidental. Valerá a pena citá-lo todo, de forma a apreender o ambiente discursivo na sua totalidade⁴¹.

Não examines o sentido, leitor, nem as palavras, peço-te, pois eis que é a dor que me impele a escrever estes versos. Cristo, sê propício aos entorpecidos cantos da minha indolente língua, para que eu possa contar as minhas mágoas. Dá-me lágrimas aos olhos, imploro-te, dá aos meus queixumes palavras, pois chorar para mim é repouso, castigo é para mim alegria. Eu estava estreitamente unido de alma a um querido companheiro, e é devido ao afecto por ele que ressoam agora os meus tristes cantos. Não gostou tanto Niso do seu amado Euríalo, como a paz nos unia no amor de Deus. Uma discórdia dissolvente colheu espíritos concordes e a longa paz cessou com cruéis desenganos. Tal como a rola solitária, abatido o companheiro, eu choro e calculo que é em vão que as minhas lágrimas partem. Sofro, ai, oh caros amigos, sofro; socorrei um irmão, estendei com piedade a mão a um companheiro. Afasta, Cristo, totalmente as desavenças

Toledo", in *La Patrologia Toledano-Visigoda*, Madrid, 1970; GUNTER BERN, *Das lateinische Epigramm im Übergang von der Spätantike zum frühen Mittelalter*, München, 1968; J. SZÖVÉRFY, *Weltliche Dichtungen des lateinischen Mittelalters*, I, p. 310-319; F. BRUNHÖLZ, *Histoire de la littérature latine du Moyen Âge, I, L'époque mérovingienne*, Turnhout, 1990, 96-100; CARMEN CODONER, "The Poetry of Eugenius of Toledo", *Papers of the Liverpool Latin Seminar*, III, ed. Francis Cairns, 1981, 323-342.

⁴⁰ A composição chegou até nós apenas no Madrid, BN 10029, s. IX, o manuscrito que apresenta a antologia mais ampla de poemas eugenianos. Encontra-se no f. 56r-v, em secção copiada antes de 882 em região andaluza sobre um modelo porventura toledano posterior a 680; este sector do códice contém uma riquíssima antologia poética de diversos autores (além de Eugénio, também Dracôncio, Coripo, Sedúlio, Venâncio Fortunato e sentenças de Ps-Catão). Sobre este códice veja-se M. VENDRELL, *Las Antologías poéticas hispanas. Contribución al estudio de la vida literaria de los siglos VI-IX*, (diss.) Santiago de Compostela, 1976, 159-160; 169 sq.; IDEM, "Estudio del códice de Azagra", *RABM* 82, 1979, 655-705. Em termos de análise prosódica e métrica, insere-se claramente nas grandes constantes da prática versificatória de Eugénio.

⁴¹ Texto latino transcrito mais abaixo.

profundamente pungentes, imploro-te, para que possa, alegre, estar presente aos teus sacramentos.

Se o episódio narrado alguma vez ocorreu, pouco importará. O que interessa realçar é que, como é habitual no discurso poético de Eugénio, o poema resulta numa meditação de penitência; no fundo, é um acto de contrição em verso. Bem longe estamos já do Niso e Eurialo do ambiente da *Eneida*⁴². De um par de amigos, unidos por uma paixão amorosa, valerosos e (irresponsáveis) guerreiros, tornaram-se tópico literário e símbolo da amizade no mais casto ambiente cristianizado. Aliás, a própria conotação erótica do tópico do par de rolas, invocada como motivo, é aparentemente sublimada⁴³, apenas subsistindo o sentido de fidelidade indefectível que se lhe atribuía na Antiguidade, a que se associava, designadamente em contextos cristãos, a noção de castidade⁴⁴. Estes dois *topoi* ganham assim uma dimensão espiritual.

⁴² Supor um conhecimento directo (ou no mínimo em segunda mão) de Virgílio por Eugénio não se afigura totalmente deslocado. Virgílio era *auctor* conhecido e prestigiado nos meios literários visigóticos: veja-se M. C. DÍAZ Y DÍAZ, "La cultura de la España visigótica del siglo VII", in *De Isidoro al siglo XI*, Madrid, 1976, p. 31; IDEM, "La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: supuestos e circunstancias", *ib.*, p. 111. Já o autor hispânico que por volta de 685 compilou a *ars grammatica* atribuída em certos testemunhos a Juliano de Toledo parece ter tido um conhecimento indirecto do texto virgiliano (cf. R. STRATI, "Presenze virgiliane in Giuliano di Toledo", *Maia*, 38, 1986, 41-50).

⁴³ Cf. *Ov. am.* 2, 6, 12 sq., o famoso epicédio do periquito de Corina. Neste poema, a rola ilustra a fidelidade perene e surge associada a um par de amigos clássico, Orestes e Píades: *tu tamen ante alios, turtur amice, dole. | plena fuit uobis omni concordia uita | et stetit ad finem longa tenaxque fides | quod fuit Argolico iuuenis Phoeus Orestae, | hoc tibi, dum licuit, psittace, turtur erat.* No campo da epigrafia funerária, o *topos*, como expressão da fidelidade conjugal, ocorre em *CLE* 2103 (*Turtura nomen abis, set turtur uera fuisti, | cui coniux moriens, non fuit alter, amor*), um epitáfio com reminiscências de Propércio, Lucano e Venâncio Fortunato. Esta acepção, no entanto, não é desconhecida de Eugénio: num dístico pertencente a um autêntico "catálogo de aves", que lembra práticas poéticas da *Anthologia Latina*, é adscrita a utilização do par de rolas a um contexto conjugal (*carm.* 47, *de turture*: "utile coniugibus exemplum praebeo turtur: | non repeto thalamum nec coniux casta maritum").

⁴⁴ A rola era um dos animais a sacrificar a Deus no Antigo Testamento (*gen.* 15, 9; *lev.* 1, 14; 5,7; 5, 11; 12, 6; 12, 8; 14, 22; 14, 30; 15, 14; 15, 29; *num.* 6, 10. A castidade e a fidelidade eram atributos reconhecidos: quanto ao primeiro, ilustre-se com Ambr. *exam.* 5, 19, 62-63; 6, 2, 5; Cassiano, *coll. praef.*; Jerónimo, in *psalm.* 83, l. 87 (*turtur animal castitatis*); l. 89; *adv. Iovin.* 1, 30 (*turtur auis pudicissima*); Cesário de Arles, *serm.* 82, 2-3; Isid. *orig.* 12, 7, 60 (*auis pudica*); cf. também *AL* 762, 20 RIESE, um poema do s. VIII ou IX, proveniente de ambiente germânico (*castus turtur*); sobre a conotação de fidelidade, recorde-se Ambr. *hexam.* 5, 19, 62; *Jer. adv. Iovian.* 1, 30; Cassiod. *var.* 5, 33; *meda, comm. in cantica canticorum* 1, 1. De resto,

Em suma, o que se poderá reter no final deste breve percurso pela cultura literária da Antiguidade é a força e a vitalidade de um tema alimentado sobre um motivo que é o das figuras de Niso e Euríalo⁴⁵. De personagens algo secundárias da *Eneida*, eles libertam-se do texto criador e ganham o estatuto de motivo paradigmático da cultura antiga. Nessa evolução, perdem as conotações bélicas e eróticas que possuíam no poema de Virgílio e erguem-se como *exemplum* de amizade eterna. Se é lícito retomar a fantasiosa etimologia de Isidoro de Sevilha para a palavra *amicus* (segundo ele, derivado de *hami*, ganchos⁴⁶), Niso e Euríalo representam, ao longo da cultura clássica, os "ganchos da amizade" indissolivelmente unidos que nem a morte separa.

já Aristóteles assinalara a monogamia como traço caracterizador do acasalamento das rolas (A. H. 613a 14): veja-se F. CAPPONI, *Ornithologia Latina*, Genova, 1974, p. 501. A rola ocorre ainda nos modelos bíblicos como elemento caracterizador do idílico e espiritualíssimo contexto do *Cântico dos Cânticos* (*cant.* 1, 9; 2, 12).

⁴⁵ Outros exemplos poderíamos citar. Na famosa *Antologia Latina* do Codex Salmasiano (Paris BN lat. 10318, c. 800), compilada por volta de 534 no Norte de África, encontramos uma ocorrência. Num dos dísticos epanalépticos (AL 77 R), Niso e Euríalo são considerados como símbolo da amizade desprovida de outras conotações: "De Niso et Euryalo | Nomen amicitiae magna pietate colendum est; | Maxima pars uitae est nomen amicitiae". Mesmo quando de forma não explícita, Niso e Euríalo poderão estar subjacentes a certos contextos: alguns possíveis ecos foram sugeridos nos *Peristephanon* de Prudêncio por ANNE-MARIE PALMER, *Prudentius. On the martyrs*, Oxford, 1989, p. 160 e 168, muito embora a falta de paralelos textuais seguros não permita conclusões consistentes.

⁴⁶ Isidoro, *orig.* 10, 5 (*amicus ab hamo, id est, a catena caritatis; unde et hami quod teneat*).

APÊNDICE

Eugénio, *carm.* 35 (ed. VOLLMER, *MGH, auct. ant.*, 14, Berlin, 1905, p. 255)

DE IVRGIO, QVOD ACCIDIT

Non sensus, lector, quaeso, non verba requiras,
 scribere nam versus inpulit ecce dolor.
 Christe, fove segnis torpentia carmina linguae,
 ut possim questus ipse referre meos.
 da guttas oculis, posco, da verba querellis, 5
 nam flere requies, gaudia poena mihi.
 iunctus eram nimium dilecto mente sodali,
 cuius ab affectu carmina maesta canunt.
 non sic Euryalum Nisus dilexit amatum,
 nectebat ut nos pax in amore deus. 10
 concordans animos solvens discordia carpsit
 et cessit duris pax tenuata dolis.
 ut turtur solus percusso conpare plango
 et frustra lacrimas penso perire meas.
 labor, io cari, labor, succurrite fratri, 15
 praebete socio cum pietate manum.
 pelle, precor, penitus pungentia iurgia,
 Christe, ut possim sacris lactus adesse tuis.